



VII ENLIJE

A BELA ADORMECIDA VERSUS A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A LITERATURA ERUDITA E A LITERATURA POPULAR

Ma. Morgana de Medeiros Farias

Universidade Federal da Paraíba
morgananp14@hotmail.com

Resumo: quem está inserido no âmbito rural ou em pequenas cidades e povoados do interior do Nordeste, provavelmente teve acesso à poesia popular oral, esta que, como o próprio nome já diz, emana do povo, da vivência diária dessas pessoas com os diversos elementos que compõem suas vidas. O presente artigo, nesse sentido, pretende debater acerca das aproximações e distanciamentos envolvendo a Literatura de Cordel e a Literatura Erudita, de modo a dar a visibilidade merecida àquela. Para tal análise, nos valem das obras *A bela adormecida*, do francês Charles Perrault, já consagrada pelo cânone, e *A bela adormecida no bosque*, de Leandro Gomes de Barros, representando a cultura popular. Mostramos, nesse entremeio, as afinidades que a Literatura Infantil tem com a Literatura Popular, tanto por uma terem surgido ligadas uma à outra, como por se mostrarem sempre dispostas a acolher o fantástico e o maravilhoso em suas manifestações, por exemplo. Tentamos deixar em evidência a relevância que cada gênero tem dentro do seu contexto, das suas riquezas, das suas magias, independente da época de onde são provenientes. Atribuímos uma noção clara de que os aspectos composicionais, como linguagem e estrutura valoram a obra, seja ela uma narrativa em prosa ou em verso. Propomos uma metodologia capaz de levar o aluno a se interessar por essa dualidade, por esse diálogo entre gêneros distintos e temas que comungam entre si.

Palavras-chave: literatura de cordel, literatura erudita, literatura infantil.

Considerações iniciais

Quem está inserido no âmbito rural ou em pequenas cidades e povoados do interior do Nordeste, provavelmente teve acesso a uma belíssima experiência com a poesia popular oral, esta que, como o próprio nome já diz, emana do povo, da vivência diária dessas pessoas com os diversos elementos que compõem suas vidas. Normalmente, vendedores de folhetos, repentistas, emboladores de coco, entre outros artistas, estão sempre enaltecendo essa cultura de gente simples e pobre, mas que não deixa a desejar em relação às outras quanto à emoção que é capaz de provocar nas pessoas.

Muitos são os temas abordados na literatura de cordel, estes que, através da literatura oral advinda da Península Ibérica, foram mantidos e transmitidos pelo povo. Daí nasce o poeta/cordelista nordestino que, incorporando esse romanceiro, deu o seu toque a essa manifestação artística vinda de tão longe. O artista popular se destaca pela beleza da sua forte e expressiva produção.

A literatura popular em versos nordestina, hoje conhecida como literatura de cordel, é abordada em suas relações com a oralidade. O contato de
(83) 3322-3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

oralidade deve ser entendido não apenas como forma de transmissão de conhecimentos, mas, principalmente, como o sistema de conhecimento próprio das culturas orais, que é diferente do sistema das culturas escritas. (AYALA, 2010, p. 52).

Sendo de herança europeia, a literatura de cordel traz consigo, além de identidade social e cultural do povo nordestino, resquícios conservados pela tradição medieval. O folclorista Diégues Junior (1977), em seu ensaio intitulado *A literatura de cordel*, aborda a influência lusitana na origem do cordel brasileiro, mas enfatiza que foi no Nordeste que se fundiu esta nova forma que conhecemos hoje e que as condições sociais e culturais peculiares da região influenciaram para o encadeamento e difusão desta literatura.

Se nos voltarmos para o lado das crianças, também encontraremos escritos populares de qualidade para os pequenos, sobretudo poesias. A poesia popular destinada a meninos e meninas reescreve de forma muito bem ambientada as histórias infantis nascidas na literatura erudita. Frequentemente, na obra poética para as crianças, encontramos estrofes compostas por seis versos (sextilhas). Esses poemas revelam aspectos como sonoridade, fantasia, humor, inventabilidade e a originalidade inerente aos nossos poetas.

Lamentavelmente, com o passar dos anos, a escola apagou essa vivência com a literatura popular, já que a mesma não é tida por muitos, até hoje, como uma leitura de valor. Assuntos relacionados à estética são transformados em preconceito, este que leva as obras de muitos autores para a margem da literatura brasileira. Essas experiências artísticas são deixadas de lado, já que a literatura erudita é considerada como uma produção superior, esteticamente falando. Muitos estudiosos e professores deixam a vertente popular longe do ensino de literatura.

Atualmente, no entanto, percebemos que há manifestações favoráveis à literatura de cordel por parte de acadêmicos. O popular tem ganhado espaço em pesquisas que visam, cada vez mais, dar à literatura de cordel o devido reconhecimento como manifestação cultural de todo um povo.

Foi se reduzindo o leitor tradicional dos folhetos nordestinos na década de 60, mas nas décadas seguintes vai surgindo outro público, formado por estudiosos e universitários, começando a produzir várias dissertações e teses sobre esta literatura no Brasil, nos Estados Unidos e em vários outros países europeus. Passa-se a comparar nossa literatura popular em versos nordestina com uma produção antiga, medieval produzida no continente europeu. (AYALA, 2010, p. 66).





VII ENLIJE

Para Diégues Júnior (1997), é na literatura de cordel que se encontra a alma da sociedade nordestina através das suas contribuições aparentemente “obscuras”. Em uma sociedade não letrada, era através do cordel que se descobria e se conhecia as narrativas tradicionais portuguesas e no Nordeste tomavam nova forma valorizando características particulares da terra. Aqui no Brasil, histórias foram recriadas e adaptadas ao novo formato que o folheto ganhara. Os poetas rimam as histórias acrescentando características peculiares da região e marcando a identidade do povo.

Levando em consideração o que foi mencionado, intencionamos abordar, de forma comparativa, uma parte dessa vertente de escritos populares com a literatura de cunho erudito. Para isso, nos utilizaremos das obras *A bela adormecida*, que tem sua versão mais conhecida atribuída ao francês Charles Perrault, e *A bela adormecida no bosque*, de autoria do paraibano Leandro Gomes de Barros. Na ocasião, poderemos perceber como a literatura de cordel representa os mesmos personagens da literatura erudita dando-lhes ambientação comum ao Nordeste.

Com esta análise tendemos, entre outras coisas, demonstrar que toda literatura tem o seu valor, mesmo em quesitos que possamos desconhecer. Veremos que o imaginário é um forte impulsionador do real e contribui, assim, com o desenvolvimento infantil, bem como com a familiaridade das crianças com a literatura de cordel voltada à sua faixa etária, com temas e estórias que lhe interessem. Dessa forma, atributos como a inteligência e a sensibilidade, sentimentos que estão em falta no mundo em que vivemos, são percebidos com mais facilidade devido ao poder de catarse empreendido pelas manifestações literárias.

Afinidades entre a literatura infantil e a literatura de cordel

Frequentemente temos contato com discursos que distanciam a literatura de cordel da literatura infantil como se fossem manifestações artísticas completamente diferentes. No entanto, o que muitos não sabem é que ambas caminham juntas.

Ao lançarmos um olhar sobre o percurso histórico do conto de fadas, constatamos que o mesmo está na raiz histórica da formação da literatura mundial e tem sua origem fundamentada na oralidade, enquanto narrativa, na tradição do contar, do repassar histórias de geração para geração, utilizando como recurso para enriquecê-las, basicamente, a criatividade e o imaginário. Tais narrativas nascem numa fase anterior ao surgimento da escrita, acompanhando a evolução da humanidade até a contemporaneidade. Verifica-se que a literatura infanto-juvenil, como assim a

conhecemos na
(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

atualidade, ainda não tinha essa denominação categórica na fase oral. (SILVA e WANDERLEY, 2015, p. 96).

A poesia também desempenha um papel importante no cotidiano infantil. Para Conde (2013, p. 12) “No contexto da literatura infantil, ela apresenta-se como um dos primeiros gêneros com que a criança tem contato, levando em conta que a musicalidade e as rimas são trabalhadas desde cedo em parlendas, trava-línguas e cantigas de roda”.

Se levarmos em consideração o percurso histórico da literatura desde as suas abordagens no passado, veremos que não havia uma literatura destinada às crianças, elas observavam a arte do mundo adulto. Com o passar do tempo, foi criado um caminho dentro daquilo que era destinado aos adultos e, nesse caminho, figurava a literatura infantil, que nasceu através dos contos populares para crianças.

Dentre os fatores que podem ser apontados como *comuns* às obras adultas que falaram (ou falam) às crianças, estão os da *popularidade* e os da *exemplaridade*. Todas as que se haviam transformado em *clássicos* da literatura infantil nasceram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Portanto, antes de se perpetuarem como *literatura infantil*, foram *literatura popular*. (COELHO, 2000, p. 41).

Opondo a literatura popular e a infantil e, ao mesmo tempo, investigando a identidade entre elas, podemos inferir que o que mais aproxima as duas é o fato de ambas conhecerem a realidade através da sensibilidade e da emoção, diferente do que acontece com a literatura mais culta destinada aos adultos, que convoca o racional, a inteligência e o intelectual. Por isso, o popular e o infantil se sentem atraídos pelas mesmas realidades.

Dentro dessas manifestações populares está a poesia infantil, que resgata, tanto no plano semântico, quanto no fônico, a poesia popular. Verificamos que nas cantigas de roda, cantigas de ninar, parlendas e adivinhas estão inseridas as propriedades específicas dessa poesia, como sonoridade, ritmo e temas fantásticos que juntos constituem, na maioria dos casos, uma linguagem simples e acessível aos pequenos.

Quando nos deparamos, no território brasileiro, com algumas obras relacionadas à poesia para crianças, percebemos que muitos dos poetas que compõem essas obras têm como parâmetros os escritos da literatura popular. A linguagem utilizada nessas produções, seus temas, sua sonoridade, chama a atenção do público infantil, que se adapta pouco a pouco ao que lê/ouve. Para Bordini (1986, p. 42) “Trata-se da poesia infantil de origem popular, cuja autoria desapareceu da memória popular coletiva e que se transmite (ou se produz) nas classes sociais dominadas, espelhando seus interesses postergados”.





VII ENLIJE

Segundo Alves (2008, p. 35) “Adivinhas, parlendas, provérbios, ditos populares são, muitas vezes, pontos de partida de importantes poetas para a criação de seus poemas”. Porém, paradoxalmente, alguns pedagogos sustentaram a opinião de que as crianças não estavam aptas a compreenderem a poesia, portanto, ela devia ser limitada no âmbito escolar. Os exemplos elencados pelo autor citado acima são provas cabais de que a poesia sempre fez parte do nosso cotidiano, embora não fosse com essa denominação específica. Quem nunca ouviu um “causo” contado em versos por algum familiar geralmente proveniente da zona rural? São situações como essas que aproximam as pessoas da poesia sem sequer elas sentirem.

O procedimento que leva os bebês a iniciarem a degustação poética começa justamente através das canções de ninar, que os tranquiliza tanto, ao ponto de fazê-los dormir.

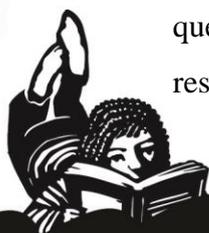
Sua mente, ainda indiferenciada para a generalidade dos processos psíquicos, mais ou menos complexos, do entendimento, prende-se, no entanto, ao som produzido pelas palavras cantadas, encadeadas aos clássicos estribilhos onomatopaicos, e assim ela sente o gozo puro mais da música, do que das palavras. (SOSA, 1978: 184).

A partir desse contato com a sonoridade, as crianças podem, se direcionadas a isso, ser admiradoras da poesia. Assim, elas passam por um constante aprendizado e uma longa experiência poética. O poema cantado ou o canto em forma de poema, numa brincadeira de roda, ou em outro momento, pode ser transmitido de geração para geração.

Desse modo, se aproximarmos as crianças da literatura infantil, ela estará próxima também da literatura popular, já que uma linha muito tênue separa essas duas produções. É importante que os nossos meninos e meninas tenham esse contato com a leitura sem pararem para pensar naquilo que é mais difundido, como uma literatura de maior qualidade, o que é o caso da literatura clássica, dos contos de fadas. O viés popular também tem muito a mostrar, é possuidor de muitas qualidades, inclusive estéticas e, também por esse fato, não deve ser esquecido.

Literatura oral *versus* Literatura erudita

Se formos partir para uma investigação relacionada à literatura popular, sobre o que é ou a quem é destinada, uma boa ideia seria começar analisando a sua própria denominação. O que é popular? Utilizando-se de um significado simples, podemos dizer que é aquilo que diz respeito ao povo. Desse modo, a literatura popular, de forma espontânea, exprime o espírito





VII ENLIJE

de muitos povos, como suas crenças, seus valores tradicionais, seu viver histórico, entre outras coisas.

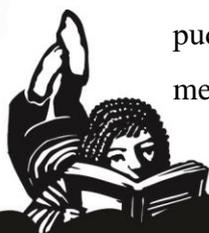
Ao aproximar-se da chamada Literatura de Cordel não se pode deixar de pensar na referência Literatura Popular. Está-se consciente da precariedade de distinções já tão colocadas entre literatura popular e culta, como é o caso de outras formas de expressão artística, vendo-se sempre aberta a possibilidade de uma se transformar em outra, sucessivamente. (FERREIRA, 1993, p. 11).

Nesse sentido, a literatura popular assume uma relação muito próxima com a literatura oral, já que muitos dos autores que compõem essa modalidade literária, também se expressam através de repentes, de rimas e outros. Essa literatura é composta pelo povo e para o povo e, por esse fato, os escritos formados através desse viés popular foram, por muito tempo, relegados à marginalização, pois se acreditava que eram de pouca qualidade e, portanto, eram deixados de lado, talvez por ser produzida por pessoas simples, humildes, sem alto grau de estudo.

Os leitores e ouvintes de folhetos importam-se com os conteúdos divulgados pela mídia, assim como têm interesse por narrativas eruditas, entretanto nada parece perfeito enquanto não está “rimado” e “versado”. A distinção entre a composição e a recepção de folhetos nordestinos e a produção e a leitura de obras literárias eruditas fica clara quando se examinam versões para folheto de narrativas eruditas [...]. (ABREU, 2004, p. 200).

Partindo de um conceito geográfico, vemos que a literatura popular é mais valorizada na região Nordeste, onde se encontram com mais frequência pessoas que são possuidoras de um espírito que representa a cultura viva. Só que, mesmo nessa região, os estudos relacionados ao popular ainda são tratados com descaso, não é dado a eles o devido valor. Muitos estudiosos renegam a literatura popular como uma representação da cultura de um povo. Esse fato pouco a pouco vai sendo desconstruído, pois, com todo o preconceito que ainda existe por parte de muitos que compõem e admiram a cultura erudita, a cultura popular está sendo inserida no âmbito das universidades, das escolas e, dessa forma, se chegará a um ponto comum: à sua valorização.

Mesmo estando presente, em partes, no âmbito da literatura erudita, a poesia é preterida por muitos leitores e educadores. Esta foi julgada através de um critério utilitarista que se perpetuou por muitos anos no ensino. O conteúdo que não possuísse um viés que pudesse “preparar o aluno para a vida”, não faria parte do currículo escolar. Atualmente, mesmo que não haja mais esse pensamento, há diferenças entre as finalidades propostas por





VII ENLIJE

quem ensina e os objetivos dos alunos em relação ao tema. É bom que o professor possa aproximar a criança da arte.

Se a própria poesia vinculada à cultura erudita é colocada à prova em várias instituições educacionais, bem como perante a própria cultura letrada, o que dizer da literatura de cordel que é semelhante à poesia e ainda carrega o estigma social de ser menor? Ayala (2010) nos chama atenção para o fato dessa mentalidade estar mudando, visto que a população que antes não era escolarizada, hoje está em massa na escola, ou seja, o próprio povo cria um novo mercado para o cordel. Para a autora citada, “a literatura de cordel atual passou por um processo total de ressignificação”.

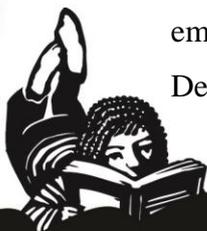
A bela adormecida: duas abordagens

Como já vimos, a literatura de cordel possui leitores específicos, que gostam mesmo da estrutura composicional dos folhetos, da sonoridade dos versos, dentre outros atributos mencionáveis. Há muitas obras consideradas literatura erudita que têm versões em cordel, pois o ritmo deste é o que chama a atenção do povo, sobretudo nordestino. É dessa forma, através das adaptações dos nossos cordelistas que a literatura erudita é transmitida ao grande público.

Não basta, entretanto, uma história convencional. É preciso apresentá-la segundo as “regras” de composição dos folhetos, já que o interesse pelo tema, ou pelo enredo, não é suficiente para que o público habitual dos folhetos aprecie um texto de literatura erudita. A alteração mais fundamental é a transposição da prosa para o verso, adaptando-se a narrativa à forma poética dos folhetos. Mesmo quando há uma transcrição praticamente literal do texto-matriz, inserem-se cortes a fim de obter versos setissílabos e introduzem-se palavras – ou altera-se sua ordem – para criar rimas. (ABREU, 2004, p. 202).

Para Abreu (2004), o cordel tem a intenção de se aproximar o leitor da sua realidade. Leandro Gomes de Barros faz uma de suas adaptações através do conto *A bela adormecida*, do francês Charles Perrault e dá ao povo o cordel *A bela adormecida no bosque*, folheto com enredo quase igual à obra francesa, mas com peculiaridades inerentes ao nosso povo.

A bela adormecida no bosque se passa na Turquia, no Império de Rei Justino e da Princesa Rosalia. O casal dá à luz uma menina chamada Maria, nome muito comum na região em que vivemos e que suscita a questão da religiosidade, da ligação entre Maria escolhida por Deus para ser mãe de Jesus. No conto *A bela adormecida*, que nasce é uma princesa chamada





VII ENLIJE

Aurora. Desde já podemos perceber a carga de significação presente nos nomes de ambas. Maria é um nome comum, principalmente no Nordeste, e está longe de ser atribuído a qualquer casta da realeza. Aurora é um nome mais refinado, mais próximo da realeza.

Diferentemente do conto de Perrault, onde a Bela Adormecida fura o dedo em uma roca, Maria é picada por uma cobra e, a partir daí, vem o seu encantamento. A cobra é um elemento mais nosso, mais conhecido no nosso meio, talvez por isso Leandro tenha optado por essa mudança na estória. As rocas não fazem parte da cultura nordestina, portanto o povo não se sentiria identificado com esse elemento presente no folheto. Cobras, além de possuírem veneno, estão presentes em todas as regiões, sobretudo na zona rural, sendo, dessa forma, um elemento conhecido nos quatro cantos do Brasil.

Esta linda princesinha
Os seus pais fiquem cientes
Com quinze anos de idade
É mordida de serpente
Depois da dita dentada
Falecerá de repente. (BARROS, 1976, s/p).

Expressões e costumes nordestino se fazem presentes na trama, assim bem como os elementos dos contos de fadas.

Depois o rei consolou-se
Tomou resignação
No outro dia bem cedo
Seguiu com a comissão
Matando todas as cobras
Do reino até o sertão. (*Ibidem*).

Em relação as personagens secundárias, temos a fada má, caracterizada como “velha, magra e rabugenta” que lança o feitiço na princesa, por isso é rechaçada do batizado. Portanto não dá as boas-vindas a princesa como as demais fadas. Podemos perceber que tanto no conto de Perrault como no cordel de Leandro, o mal está caracterizado através de qualidades como velhice, feiura, inveja, ambas vividas por mulheres, o que pela própria cultura nos remete a bruxas, madrastas.

No meio das feiticeiras
Tinha uma velha fada
Magra, feia e rabugenta
E além disso malvada
Por esse motivo justo
Ela não foi convidada. (*Ibidem*).





VII ENLIJE

Para as personagens de boa índole, Leandro distribui qualidades como mocidade, bondade, submissão, obediência, generosidade, paixão, paciência. Atributos que são designados a uma mulher “para casar”, aquela que é perfeita, que ainda vem agraciada com ternura e beleza incomparáveis.

Ai, chegaram as fadas
Foram dizendo assim
Eu desejo a esta criança
O bem que desejo a mim
Serás feliz neste mundo
Para séculos sem fim
Disse uma fada moça
Como não tenho o que dar
Lhe ofereço um presente
Se o pai dela aceitar
Um príncipe formoso e rico,
Para com ela se casar. (*Ibidem*).

A felicidade é atribuída ao casamento com um homem bonito e rico. A beleza e as posses servem de suporte principal para selar uma união e ter total contentamento.

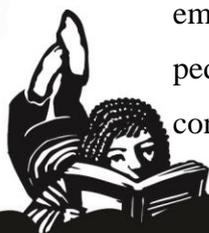
Quando completou cem anos
Que aquele povo dormia
Estava o palácio no mato
De fora ninguém o via
Pessoa daquele tempo
Somente a fada existia (...)
Distante daquele palácio
Havia um príncipe estrangeiro
Muito inclinado á caçada
De novembro até janeiro
Era um jovem distinto,
Fidalgo, rico e solteiro (...)
O príncipe chegou pra frente
Pegou ela pela mão
Dizendo: - Eu caso contigo
É esta a minha intenção
Responde beleza rara
Se me aceitas ou não? (*Ibidem*).

Neste sentido, a mulher é levada a aceitar a condições do casamento como uma salvação, uma redenção. Seja numa casa ou num castelo, a jovem em seu ato de submissão se rende as regras patriarcais sem se dar conta, vendo o casamento como uma bem-aventurança em sua vida. A autoridade do homem é exercida a partir do momento que ele em seu ato de pedir a dama em casamento lhe servirá como protetor e provedor, visto que a imagem construída da mulher é até certo ponto fraca, ingênua e porque não dizer volúvel.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

- Aceito com muito gosto
Contigo devo casar
Há cem anos desta parte
Que vivo neste lugar
Só vós pudestes dar jeito
Para me desencantar. (*Ibidem*).

Observamos no cordel um modelo de sociedade onde se sobressai a família tradicional, o patriarcalismo. Os valores e a conduta feminina são medidos a partir das promessas de um casamento, um lar, destino das moças de “antigamente” onde se casava muito cedo, uma transferência de domínio, saía do pai e ia para o marido, gerando assim uma transferência de subordinação.

Observamos no conto e no cordel uma restrição ao espaço feminino através da cultura patriarcal vivida no fim do século IX e início do século XX, um modelo sem elevação cultural, linear, onde nasce, cresce e morre dentro da dependência e da obediência.

Para Abreu (2004, p. 201), “Em geral, os poetas escolhem narrativas cuja estrutura seja próxima à dos chamados “romances” de cordel – folhetos com 24 ou mais páginas, contendo narrativas ficcionais, em que se tomam por tema, basicamente, o amor e a luta”. O conto de Perrault figura entre os que abordam o amor e a luta pela sua concretização e, possivelmente devido a essa temática, Leandro Gomes de Barros fez a sua adaptação.

Sobre a questão da adaptação, Ferreira (1993, pp. 12-13) faz a seguinte observação: “Vê-se que se conservam, nos folhetos produzidos, os valores mais popularizantes ingênuos e até imediatamente adaptadores, ao tempo em que, se alcança a mais elaborada das retóricas. Percebe-se que o processo de criação se realiza através de constantes fluxos adaptativos”. A autora, de certa forma, nos faz questionar a autoria dos escritos que chegam até nós, pois afirma que quase todos fazem parte de um processo de adaptação. A bela adormecida, por exemplo, foi reconhecida primeiro pela autoria dos Irmãos Grimm. Há, ainda, a adaptação de Perrault e, mais próxima à nossa realidade, a de Leandro Gomes de Barros.

Considerações finais

Assim como nos contos de fadas, a literatura de cordel nordestina compila da tradição oral popular. Ambos têm o propósito de causar encanto aos leitores, levando-os a um mundo imaginário de fantasia, sabedoria e reflexão. No tema proposto nesse artigo, observamos o tema bem e mal como fonte relevante no comportamento dos indivíduos envolvidos na obra,

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





assim bem como o comportamento patriarcal presente nas duas obras, levando a condição feminina a submissão e ao propósito do casamento.

O cordel conta com uma linguagem que lhe é peculiar ao ambiente nordestino, o que provoca no leitor um sentimento de pertencimento ao ambiente retratado. Os contos de fadas, por sua vez utilizam variantes que traduzem questões universais que valoram conflitos, poder e a formação de qualidades, valia e méritos que entremeiam realidade e fantasia.

Ao adentrar no universo de *A bela adormecida no bosque*, Leandro Gomes de Barros trespassa a um território que é particular aos contos de fadas, onde a narrativa tem como figura central uma princesa que ao nascer é vitimada por um feitiço de uma fada má; e, ao completar quinze anos, idade culturalmente marcada pela apresentação à sociedade é então enfeitiçada e condenada a dormir durante um século até o resgate de um valoroso príncipe através de um beijo.

Considerado o “Homero Burguês”, Perrault retrata com propriedade a sociedade de sua época a partir da metamorfose de certos símbolos dos contos populares. O conto *A bela adormecida no bosque* traz o inimaginável atribuído a seres fabulares, como fadas, retratando a beleza da mulher, o que remete as características das mulheres bem vestidas da corte de Luís XIV. Utiliza com maestria o enfrentamento entre bons e maus, feios e belos.

As semelhanças e dissensões presentes na obra de Leandro Gomes de Barros e na obra adaptada por Charles Perrault têm um caráter moralizante, metamorfoseando versões orais da tradição europeia e oriental em histórias com características bem definidas para o lugar e a época de cada um, daí vem a importância de conhecermos vários vieses literários, para que percebamos as representações inerentes a cada povo, o que possibilita que os conheçamos através da literatura, seja ela de cunho erudito ou popular.

Referências

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – Relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 10, nº 22, p. 199 – 218, jul./dez. 2004.

ALVES, J. H. P. **Tesouros da poesia popular para crianças e jovens**. Boitatá, v. 05, p. 34-45, 2008.

AYALA, Maria Ignez Novais. **ABC, folheto, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral**. Graphos, João Pessoa, vol. 12, nº 2. Dez./2010 – ISSN 1516-1536, P. 52 – 73.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CONDE, Érica Pires. **O uso da poesia de cordel na educação infantil**. Diálogos pertinentes: revista científica de letras, v. 9, nº 1, p. 10 – 22. 2013.

FERREIRA, Jerusa Pires de. Matéria carolíngia ou do cavalheiresco épico. In: **Cavalaria em cordel**: o passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 9 – 39.

JÚNIOR, Manuel Diégues. Literatura de cordel. P. I-XXVI. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. 1997, 1ª edição, 390 páginas.

BARROS, Leandro Gomes de. **A bela adormecida no bosque**. São Paulo: Luzeiro, 1976.

PERRAULT, Charles. **A bela adormecida**: coleção conto ilustrado. São Paulo: Scipione, 2010.

SILVA, Elisângela de Araújo; WANDERLEY, Naelza de Araújo. Hoje é dia de Maria: a trajetória heroica de uma menina, de uma mulher, de uma princesa divergente. In: **Estudo de gênero e literatura para crianças e jovens**: um diálogo pertinente. ZINANI, Cecil Jeanine Albert; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. (Org.). Caxias do Sul, RS: Educs, 2015, p. 95 – 108.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**: ensaio sobre a ética, a estética e a psicopedagogia da literatura infantil. São Paulo: Cultrix, 1978.

